

Eles sofrem mais do coração

» SHEILA OLIVEIRA

Estudo inédito realizado por estudantes, pesquisadores e especialistas em doenças cardiovasculares de todo o país traçou o perfil de quem sofreu infarto do miocárdio e reside no Distrito Federal e no Entorno. Mais da metade dos investigados são homens (75%), com idade média de 60 anos, e apresentam pelo menos uma das seguintes características: hipertensão, sedentarismo, obesidade, tabagismo ou diabetes (leia arte). A pesquisa *Brasília Heart Study* (Estudo Brasília do Coração, do termo em inglês), iniciada em 2006 e coordenada pelo grupo Coorte Brasília, contou com a participação de 800 pacientes que realizaram tratamento no Hospital de Base do DF.

O coordenador do Coorte Brasília, Andrei Sposito, revelou que um dos intuitos do estudo é gerar mais informações para os profissionais que lidam com os pacientes que sofreram infarto. “O estudo é formado, na verdade, por uma série de pesquisas sobre questões específicas da doença. O objetivo é esclarecer as principais dúvidas sobre a crise cardíaca, além de servir como esclarecimento para a população e contribuir à formação de especialistas nessa área”, explica.

A investigação das crises do coração resultou também em dados relevantes para os riscos de infarto. Os estudiosos descobriram que o consumo de mais de duas gramas de sódio (sal) ao dia leva a um risco maior de morrer durante um infarto. Outro destaque da pesquisa é em relação aos níveis elevados de colesterol HDL (considerado o colesterol bom), que contribui para a retirada do excesso de gordura das placas arteriais.

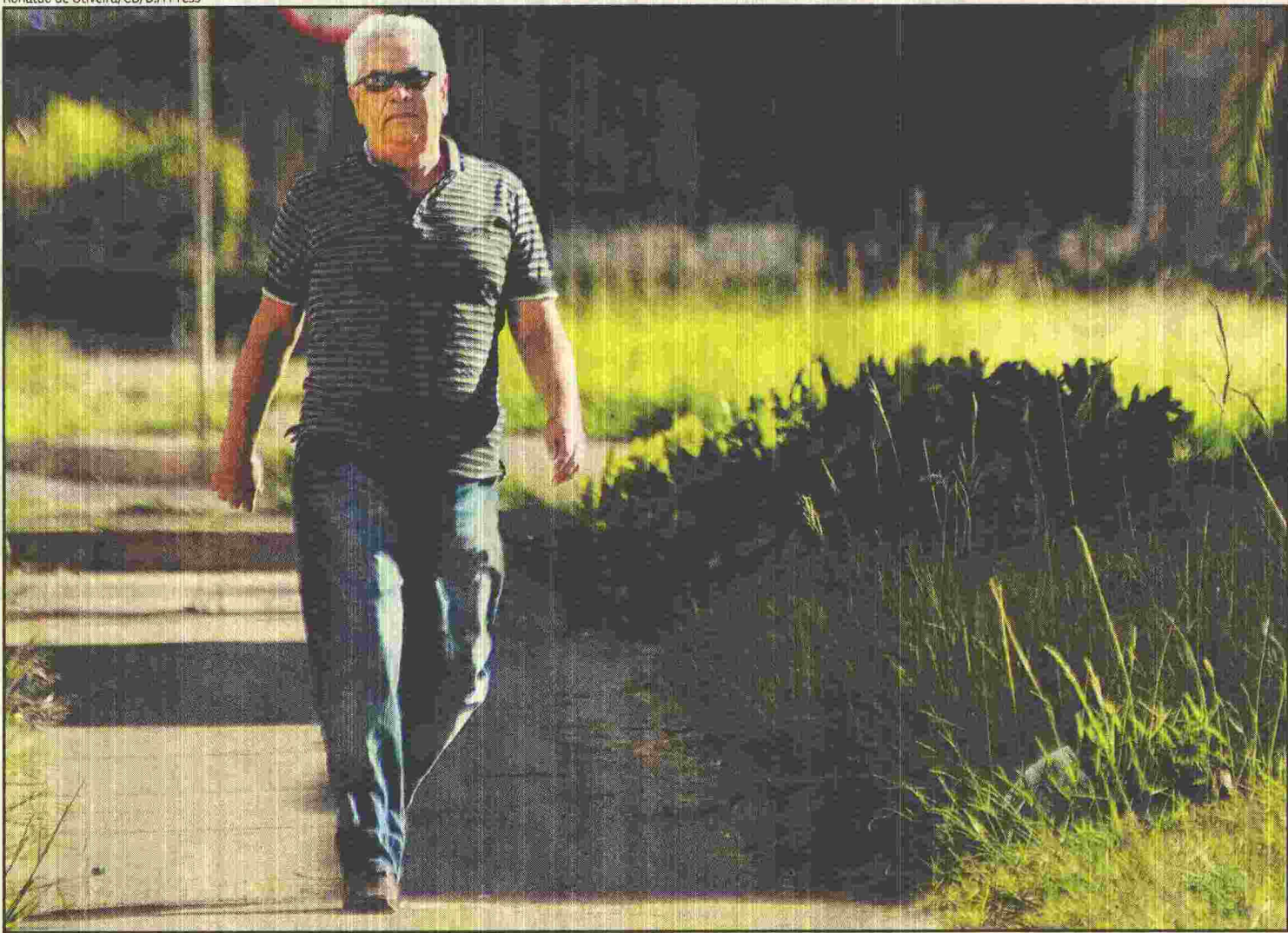
Quem consegue manter as taxas de HDL acima de 60 miligramas por decilitro de sangue reduz pela metade as chances de ter inflamação durante o infarto, tornando a recuperação mais rápida. É o caso do comerciante Aderson Irineu da Silva, 63 anos, que seis anos após sofrer o segundo infarto luta para melhorar a taxa de colesterol e controlar o diabetes e a pressão arterial. “Cortei a carne vermelha da minha alimentação e comecei a caminhar seis quilômetros todos os dias. Já emagreci 20 quilos seguindo a dieta recomendada pelo nutricionista. Agora, faço acompanhamento médico e uso de remédio para combater a doença”, conta.

Silva conta que os primeiros sintomas do infarto não foram percebidos. “Senti falta de ar e vontade de vomitar, mas não imaginava que se tratava disso. Quando cheguei ao hospital, fui informado de que o estado era grave. Na época, tinha 57 anos, não dava tanta atenção à saúde. Nunca havia passado por um exame médico preventivo”, lembra. Em fevereiro deste ano, outra crise cardíaca preocupou o comerciante. “Pensei que não resistiria. Fiquei 44 dias internado no Hospital de Base, mas não precisei passar por cirurgia. A opção dos médicos foi iniciar o tratamento com medicação. Todos os dias, tomo 12 comprimidos”, afirma.

Hábitos saudáveis

Durante o levantamento das possíveis causas de infarto, os pesquisadores perceberam que os parâmetros usados para identificar a doença não são eficazes na população brasileira. Metade das pessoas que tiveram obstrução das coronárias não receberiam o diagnóstico a tempo de evitar as complicações do quadro cardíaco. “Isso se deve à miscigenação que há no nosso país. As ferramentas internacionais, espécie de questionário médico aplicado aos pacientes somado a uma série de equações, não servem para os brasileiros. O mais adequado seria elaborar instrumentos

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press

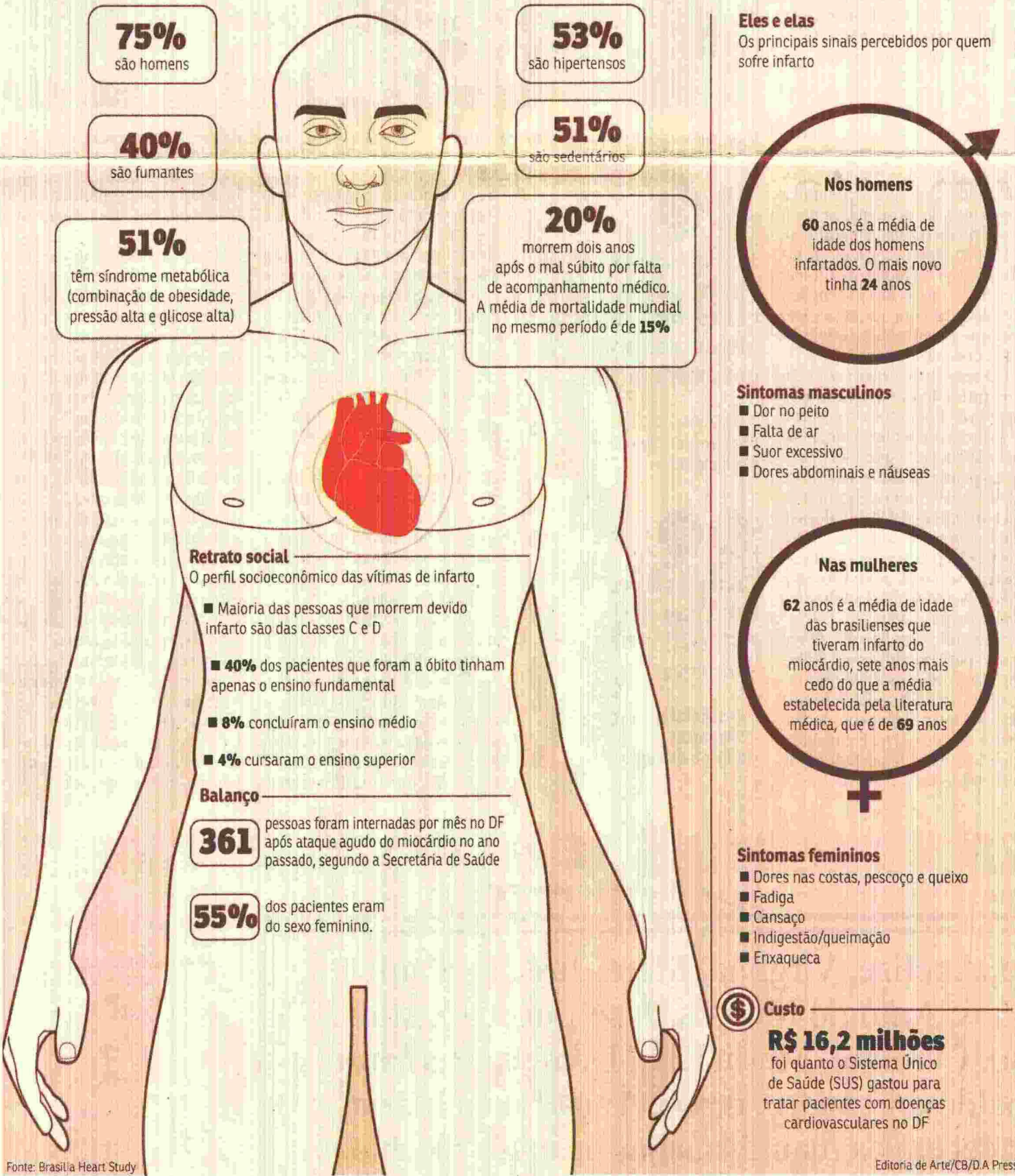


Cortei a carne vermelha da minha alimentação e comecei a caminhar seis quilômetros todos os dias. Já emagreci 20 quilos seguindo a dieta recomendada pelo nutricionista. Agora, faço acompanhamento médico e uso de remédio para combater a doença”

Aderson Irineu da Silva,
comerciante que
sofreu dois infartos

Perfil

Confira os principais pontos de pesquisa realizada com pessoas que sofrem infarto no Distrito Federal



Elas também estão expostas

Apesar de o infarto do miocárdio acometer principalmente pessoas do sexo masculino, segundo o Estudo Brasília do Coração, não é raro encontrar mulheres na ala de cardiologia dos hospitais da rede pública da capital federal. Segundo a Secretaria de Saúde, de janeiro a junho do ano passado, cerca de 361 delas morreram em decorrência de infarto. Mais da metade das 360 internações mensais registradas no mesmo período, por exemplo, foram do sexo feminino. A resistência à dor e a falta de uma cultura médica que identifique precocemente os sintomas dos problemas cardíacos podem contribuir e explicar o aumento da morte entre elas.

Mas o cardiologista e pesquisador José Carlos Quinaglia contesta a informação oficial. “Trabalho diariamente com esse tipo de paciente e não percebo a predominância maior de mulheres internadas por infarto, se comparado aos homens. Na amostra que utilizamos no estudo, isso não é identificado”, afirma.

Estressadas

Para a coordenadora de Cardiologia da Secretaria de Saúde, Edna Maria Marques de Oliveira, o infarto entre as mulheres está relacionado à rotina da vida moderna. “Elas passaram a acumular funções dentro e fora de casa e estão cada vez mais estressadas, o que antes era percebido mais entre os homens. Hoje em dia, existem mais mulheres que fumam e bebem, além do fator obesidade”, diz.

No intuito de evitar o aumento de casos de infarto entre homens e mulheres, a Secretaria de Saúde pretende investir na atenção à saúde primária. “Os clínicos que atuam nos postos de saúde estão capacitados para identificar as principais características que colaboram para a ocorrência da crise cardíaca, tais como hipertensão, diabetes e tabagismo”, revela a especialista.

A atenção do governo está voltada também para o tratamento. No mês passado, foi inaugurado o Centro Neurocardiovascular, que conta com oito leitos na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Coronariana do Hospital de Base do DF. “O Hospital de Base se consagra como centro referência na internação dos pacientes que sofrem infarto”, afirma Edna Maria.

individuais”, observa Sposito.

Segundo o levantamento, cerca de 20% daqueles que tiveram crise cardíaca morrem devido à falta de acompanhamento médico. O percentual médio internacional é de 15%. Segundo o cardiologista José Carlos Quinaglia, um dos responsáveis pela pesquisa, a maioria dos pacientes cardíacos também não resiste por causa da falta de tratamento pós-operatório adequado. “Durante a pesquisa, notamos que boa parte daqueles que

tiveram infarto morreram porque não seguiram as recomendações médicas. Continuaram com a má alimentação, o sedentarismo e o tabagismo”, revela.

Quinaglia destaca que, mais importante do que conhecer o perfil de quem sofre do problema, é colocar em prática os hábitos que contribuem para evitar a reincidência do infarto. “A receita é simples: alimentação saudável, exercício físico, não fumar e evitar o estresse”, aconselha o médico.